



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

GLEIDIANE DE ARAUJO FERNANDES

**AS DIFERENTES FORMAS RACIAIS NOS CONTOS “DUZU-QUERENÇA”
E “QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?” DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2022

GLEIDIANE DE ARAUJO FERNANDES

**AS DIFERENTES FORMAS RACIAIS NOS CONTOS “DUZU-QUERENÇA” E
“QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?” DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba- Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Catolé do Rocha - PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F362d Fernandes, Gleidiane de Araújo.

As diferentes formas raciais nos contos "Duzu-Querença" e "Quantos filhos Natalina teve?" De Conceição Evaristo [manuscrito] / Gleidiane de Araújo Fernandes. - 2022.
48 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Conceição Evaristo. 2. Racismo. 3. Relações de poder.
4. Marginalização. I. Título

21. ed. CDD B869.3

GLEIDIANE DE ARÁUJO FERNANDES

**AS DIFERENTES FORMAS RACIAIS NOS CONTOS "DUZU-QUERENÇA" E
QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?" DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Letras e Humanidades da
Universidade Estadual da Paraíba -
Campus IV, como um dos requisitos
para obtenção do grau em
Licenciatura Plena em Letras.

Aprovado em 21/07/2022

BANCA EXAMINADORA

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes – UEPB
(Orientadora)

Maria Karoliny Lima de Oliveira

Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira – UEPB
(Avaliadora)

Noara Queiroz de Medeiros

Profa. Ma. Noara Queiroz de Medeiros – Rede M. Ensino C. do Rocha-PB
(Examinadora)

Catolé do Rocha - PB

2022

Dedico este trabalho, primeiramente, à minha mãe, a principal apoiadora dos meus sonhos e, posteriormente, a toda a minha família e amigos.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, a maior incentivadora durante o processo de escrita deste trabalho, bem como de toda jornada acadêmica de minha vida.

À minha família que, apesar de todas as atribulações, e sabemos que foram muitas, esteve sempre ao meu lado, dando todo e qualquer suporte necessário.

A todos aqueles que fizeram parte da minha jornada de escrita: ao professor Auríbio Farias, grande mestre no assunto, à professora Maria Fernandes de Andrade Praxedes, pela disponibilidade e a assistência ao longo das orientações, sempre presente nos momentos em que eu mais precisava de seu apoio.

À minha amiga e grande companheira Edinete Braga Tavares, que sempre ligava, mandava mensagens de apoio e carinho quando era mais necessário.

A todos que direta ou indiretamente estiverem comigo ao longo desse percurso na Universidade Estadual da Paraíba, instituição que me oportunizou concluir o Curso de Licenciatura Plena em Letras, a quem estendo os meus sinceros AGRADecIMENTOS.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CONCEIÇÃO EVARISTO E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA	12
2.1	Conceição Evaristo e os estudos críticos	16
3	VIOLÊNCIA FÍSICA E SIMBÓLICA E OUTRAS ATUAÇÕES EM CONCEIÇÃO EVARISTO.....	20
3.1	Violência física e simbólica	21
3.2	<i>Duzu-Querença</i> : marginalização e desordem psicológica	26
3.3	“Quantos filhos Natalina teve”: inocência perdida	30
3.4	O racismo estrutural como forma de manipulação presente no conto “Duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve?”	36
3.5	A violência como um instrumento de controle do racismo estrutural nos contos “Duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve?”	40
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	47

RESUMO

A literatura de modo geral possibilita uma reflexão sobre as questões sociais, isso porque ela estabelece uma relação com a sociedade, influenciada pelas experiências dos escritores e escritoras na hora de produzir suas obras. Em “Duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve?”, contos presentes no livro *Olhos D’água (2016)*, de Conceição Evaristo, objetos de estudo deste trabalho, observamos que os enredos giram em torno do racismo e das relações de poder estabelecidas sobre a classe menos favorecida. A autora imprime o tema com clara denúncia e crítica à temática e evidencia os *modus operandi* do racismo estrutural, velado e cristalizado na nossa sociedade. Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo compreender como as situações de racismo presentes nos referidos contos têm influências negativas na vida das personagens, ligadas a outras desordens sociais, a partir da construção e ações das personagens femininas de Evaristo. Esta pesquisa se justifica pela necessidade de evidenciar a literatura de autoria feminina, especialmente, de autoras negras, com temáticas atuais e importantes para os estudos literários, bem como para a sociedade em geral, pois pode provocar uma reflexão que conduza o leitor a perceber o quanto o racismo ainda persiste em diferentes contextos sociais brasileiros. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica em que buscamos respaldo em teorias e estudos sobre a temática em questão, para isto, recorreremos à própria Conceição Evaristo (2009), exímia pesquisadora do tema, Carneiro (2003), Bourdieu (1989), dentre outros. O resultado dessas leituras aponta como as personagens negras são marginalizadas, expostas a todas as formas de racismo, e mesmo se tratando de uma ficção, é possível olhar para fora do texto literário por se tratar de um preconceito ainda muito recorrente na vida real do Brasil contemporâneo.

Palavras Chaves: Conceição Evaristo. Racismo. Relações de poder. Marginalização.

ABSTRACT

Literature in general makes it possible to reflect on social issues, because it establishes a relationship with society, influenced by the experiences of writers at the time of producing their works. In “Duzu-Querença” and “How many children Natalina had?”, short stories present in the book *Olhos D’água* (2016) by Conceição Evaristo, objects of study of this work, we observed that the plots resolve around racism and power relations established over the less favored class. The author prints the theme with clear denunciation and criticism of the theme and highlights the *modus operandi* of structural racism, veiled and crystallized in our society. Thus, this research aims to understand how the situations of racism present in the aforementioned have negatives influences on the lives of the characters, linked to other social disorders, based on the construction and actions of Evaristo’s female characters. This research is justified by the need to highlight the literature of female authorship, especially by black authors, with current and important themes for literary studies, as well as for society in general, as it can provoke a reflection that leads the reader to realize how much racism still persists in different Brazilian social contexts. From the methodological point of view, this is a bibliographical research in which we seek support in theories and studies on the subject in question, for this, we turn to Conceição Evaristo (2009), an excellent researcher on the subject, Carneiro (2003), Bourdieu (1989), among others. The result of these readings points out how black characters are marginalized, exposed to all forms of racism, and even if it is a fiction, it is possible to look outside the literary text because it is a prejudice that is still very recurrent in real life in Brazil contemporary.

Keywords: Conceição Evaristo. Racism. Relations of power. Marginalization.

1 INTRODUÇÃO

A humanidade se formou a partir de injustiças que constituíram a riqueza de uns e potencializaram a pobreza da maioria, edificando a sociedade como a conhecemos hoje: desigual, injusta e excludente. Dentre os inúmeros artifícios utilizados para promover essas injustiças o racismo é um dos mais eficientes, uma vez que, até os dias de hoje, é o responsável pelas desigualdades sociais e econômicas. Por outro lado, cabe reconhecer que, por mais que o racismo ainda tenha forte influência no meio social e econômico, na atualidade já existem alguns meios de combate à essa prática discriminatória e, entre eles, está a literatura como instrumento de crítica e denúncia. Dessa forma, o texto literário pode ser um canal de reflexão e mudanças sociais, uma vez que denuncia as diferentes injustiças que foram praticadas sobre os grupos minoritários, como voz que ecoa do empenho de autores e autoras com as temáticas sociais, especialmente com as questões do negro no Brasil.

Desse modo, Levando em consideração a forte influência da literatura para a percepção e politização dessas questões sociais, surgiu o interesse pela obra de Conceição Evaristo, mais especificamente pelos contos “Duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve?”, que fazem parte da obra *Olhos D’água*, na qual a escritora tece uma crítica contundente às diferentes formas de racismo e violência simbólica e física praticadas contra negros e pobres. Nas referidas narrativas, objetos deste estudo, a dor da injustiça e as diversas formas de discriminação e exploração a que são submetidas as personagens evaristianas, correspondem às lutas dos movimentos pelos direitos de igualdade de gênero, racial, cultural e social da população negra.

Conceição Evaristo se apropria de uma linguagem mais coloquial do cotidiano das camadas menos favorecidas, para expressar de maneira sensível e ao mesmo tempo impactante a tipificação da violência praticada contra as personagens negras e pobres dos dois contos analisados neste trabalho. As vivências das personagens em seus contextos sociais e as discriminações a que estão expostas, caracterizam e imprimem ao leitor a realidade da marginalização e do preconceito que maculam a dignidade de homens e mulheres negras no Brasil, um povo esquecido pelas políticas

públicas de apoio e assistência social, além da naturalização de diversas formas de violências promovidas pelos poderes estatais.

A partir dessas problemáticas envolvendo a segregação e a violência moral e física contra as personagens dos enredos dos contos “duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve”, de Conceição Evaristo, este trabalho teve como objetivo compreender como as situações de racismo presentes nos referidos contos têm influências negativas na vida das personagens, ligadas a outras desordens sociais, a partir da construção e ações das personagens marginalizadas. Com isso, justificamos a escolha dos contos e da temática que concorrem para uma reflexão sobre situações que envolvem as relações de poder e a violência contra a população negra, questões de valor importante para os estudos literários e para a sociedade em geral.

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste estudo se volta para a pesquisa bibliográfica, apoiada nas teorias e reflexões de Conceição Evaristo (2009), exímia pesquisadora do tema da negritude e dos problemas sociais brasileiros, Carneiro (2003), Bourdieu (1989), dentre outros. O resultado dessas discussões revelam que as personagens negras são marginalizadas, expostas às diferentes formas de racismo, e como isso, mesmo se tratando de uma narrativa ficcional percebe-se que a autora trata situações factuais recorrentes no Brasil contemporâneo.

Este trabalho está estruturado em algumas seções: a primeira discorre sobre algumas considerações sobre a vida e a produção literária de Conceição Evaristo, destacando a importância dessa autora para a literatura brasileira contemporânea, como militante e defensora das causas dos negros e pobres. Para isto recorreremos a pesquisas e a estudos críticos sobre a escritora e sua obra.

A segunda parte se detém sobre alguns aspectos teóricos acerca da violência física e simbólica conferida ao povo negro, confirmando a dominação de determinadas classes dominantes sobre as camadas menos favorecidas socialmente. Nesse sentido, a desigualdade entre o gênero feminino e masculino mostram a cultura do machismo e do patriarcado vigente na sociedade, que imputa à mulher a condição de submissa e subserviente, reduzindo a figura feminina ao confinamento doméstico, ao casamento e à maternidade.

Na terceira seção, analisamos, sob a ótica da marginalização, do assédio moral e sexual que vitimizam as personagens femininas nos referidos contos, como são demarcados o lugar social da exploração e miserabilidade das personagens de “Duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve”, narrativas que expõem a troca de favores

para conseguir emprego e meios de sobrevivência, quando as personagens se submetem à prostituição ou aos assédios morais e sexuais com a esperança do casamento e de mudança de vida. Temas como gravidez na adolescência, falta de políticas de amparo às mulheres negras, violência estrutural como forma de dominação, racismo estrutural, a inferioridade de uns e a superioridade de outros, são a tônica das nossas discussões

2 CONCEIÇÃO EVARISTO E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

O racismo tem sido um dos assuntos mais debatidos da atualidade, tanto no âmbito acadêmico quanto na esfera das mídias sociais. A crescente violência contra mulheres e homens de cor preta, principalmente no Brasil, tem sido o mote para essas discussões, que trazem à tona questionamentos sobre comportamentos considerados antes como “normais”, mas que, no fundo, sempre evidenciaram atitudes racistas e intolerantes. E como a literatura estabelece uma relação com a sociedade, a referida temática também está presente no texto literário de forma simbólica, como instrumento de denúncia à discriminação racial que impregna a sociedade brasileira desde seus primórdios.

Muitos são os nomes da literatura afro-brasileira que ganharam lugar de destaque nos últimos anos, com pautas emergentes à situação de racismo velado e estrutural vigente no Brasil. Entre os inúmeros autores preocupados em denunciar e criticar as posturas racistas destaca-se a escritora Conceição Evaristo, conhecida por sua abordagem lúcida, chocante e crítica. Dessa forma, a escrita de Evaristo é contaminada por uma denúncia das condições de vida do negro, as formas de segregação de direitos e a expressão da violência psicológica, considerada, muitas vezes, como algo de menor proporção, mas que causa sérios danos à vida em sociedade. O racismo se configura como um preconceito que consiste em diminuir, humilhar e discriminar as pessoas negras, e isso corresponde a um dos maiores problemas sociais enfrentados nos últimos tempos.

Antes de nos determos na temática em estudo, cabe trazer algumas informações sobre a escritora Conceição Evaristo de Brito, mas sem a exaustão de dados biográficos. A referida autora nasceu em Belo Horizonte, no ano de 1946, e hoje é considerada uma das maiores expressões da literatura afro-brasileira, principalmente porque enfoca questões sociais que envolvem as dificuldades das camadas populares, a falta de políticas públicas de assistencialismo, a desigualdade e discriminação racial. Além disso, como educadora e linguista, Conceição Evaristo tem inúmeros trabalhos acadêmicos de suma relevância, muitos deles, objetos de teses e artigos acadêmicos, inclusive recorrentes em diversos vestibulares de universidades brasileiras.

A qualidade da produção literária de Conceição Evaristo rendeu-lhe prêmios e honrarias, além de lhe acumular uma fortuna crítica sobre suas obras, tornando-se uma das mulheres escritoras mais conhecida nas academias do Brasil e do mundo, com obras traduzidas nos Estados Unidos e França. Todo esse reconhecimento deve-se, em especial, pela forma minuciosa e tocante como Evaristo escreve seus textos, se apropriando de uma linguagem que reflete aquilo que ela busca, representa e critica: a metalinguagem. Sobre essa referência à própria linguagem, Campos afirma que “Crítica é metalinguagem”, isto é, que a crítica é a própria linguagem refletindo sobre si mesma, uma vez que o objeto dessa “metalinguagem é a obra de arte, sistema de signos dotado de coerência estrutural e originalidade.” (CAMPOS, 2006, p.11).

Conceição Evaristo se apropria da metalinguagem literária para compor uma narrativa que transita entre memória e ficção, numa mistura cronológica de passado e presente. Os enredos de suas obras coadunam com a realidade do racismo e do sexismo que ainda é muito forte entre as mulheres negras em situações de pobreza. A autora adota em seus textos o termo “escrevivência” que, explicado pela própria Evaristo (2009), em um texto autobiográfico disponível no *site* “literafro”, significa a junção da ficção de suas obras com a realidade da violência e do racismo velado e estrutural, que fizeram parte das experiências de vida da autora e de seus familiares, uma marginalização que compôs (e ainda compõe) a sociedade brasileira por séculos.

Vale ressaltar que a escrita de Evaristo não se limita ao meio literário, ela tem diversos trabalhos publicados, com o mesmo enfoque: o combate ao racismo. Seus textos giram em torno de assuntos que abordam desde o crescimento da afrodescendência nas narrativas literárias nacionais, até os debates sobre a violência sofrida por essa classe no contexto social brasileiro. Um de seus escritos, nomeado “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.” (2009), título de sua dissertação de mestrado, trata justamente da representatividade desvirtuada da figura negra na literatura nacional. A produção em questão evidencia que em diversas obras aclamadas no Brasil a figura negra, tanto masculina quanto feminina, vem acompanhada de estereótipos que circulam entre a sexualização dos corpos e a falta de intelecto, já que muitos dos personagens negros tratados nestas obras são apontados como incapazes de se comunicarem, pois falam uma língua deturpada ou são mudos, associando a imagem do negro à falta de inteligência.

De acordo com uma linha racista e intolerante de obras nacionais consagradas, é possível ver um discurso eugênico, que, segundo Evaristo (2009, p. 23) “[...] se traduz no sonho de embranquecer a sociedade brasileira”, ou seja, essa eugenia seria uma tentativa de padronizar todos os personagens da obra, e já que o padrão social foi e continua sendo o branco, as obras apresentadas por Evaristo em sua dissertação de mestrado seguem a mesma premissa: embranquecer ao máximo seus personagens negros para que, assim, eles sejam mais aceitos pelos leitores que, em sua maioria, são brancos.

Como dito no parágrafo anterior, ainda existem diversas obras nacionais que não contemplam e/ou desmerecem a figura negra, porém Evaristo (2009) afirma que nos recentes anos pode-se perceber um aumento gradativo de escritores que se voltam para a temática da afrodescendência, com personagens negros mais humanizados e dotados de inteligência, capazes de manifestar suas frustrações diante da posição social de uma camada majoritariamente marginalizada. Dessa forma, compreendemos a importância dessa escrita para ampliar, segundo a autora:

[...] um discurso negro, orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil e igualmente afirmativa do mundo e das coisas culturais africanas e afro-brasileiras, o que a diferencia de um discurso produzido nas décadas anteriores, carregados de lamentos, mágoa e impotência. (EVARISTO, 2009, p. 25)

Desse modo, o discurso das personagens negras assume um caráter mais denunciativo, pois, na maioria das vezes, a literatura afro-brasileira é produzida por escritores negros, que incorporam suas vivências no processo estético de suas obras. Essa representatividade na literatura brasileira é de suma importância para que, num futuro não tão distante, (assim desejamos), possamos, como nação, reparar uma dívida histórica que temos com o negro, que perdura por anos, uma vez que o Brasil, mesmo tendo criado diversas políticas públicas voltadas para a questão da violência racial, ainda falha no tocante ao combate efetivo da discriminação racial.

De acordo com a matéria “Consciência Negra: dívida histórica que chega aos 486 anos”, publicada no *site* “Sindipema”, em 2017, a discriminação racial figura ainda como um fato vergonhoso no Brasil. Nessa mesma direção, o site Rede Brasil Atual (2021), aponta um levantamento feito pelo G1 em parceria com o Fórum Brasileiro de

Segurança Pública e o Núcleo de Estudos da Violência da USP, que mostra que “em 2021 no Brasil 78% dos mortos pela polícia eram negros”. Isso revela que o país ainda não implementou políticas públicas eficientes de combate à violência contra o negro capazes de assegurar igualdade e equidade a um povo que ao longo da história (e ainda hoje) sofre com a discriminação, exploração e violência de todos os tipos. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira assume um caráter denunciativo, uma voz que eclode da garganta de quem passou (e ainda passa) pela experiência do racismo no Brasil.

Por outro lado, essas vozes negras encontram inúmeras dificuldades para ter acesso ao mercado editorial em virtude das condições de pobreza e negritude. Muitos escritores negros encontram dificuldades para ter acesso ao mercado editorial, e isso se torna ainda mais difícil quando se trata de autores negros e pobres. Por isso, a literatura afro-brasileira se ocupa da negritude e dos processos históricos de escravidão e violência sofrida pelos negros durante o período escravocrata, uma história de muito sofrimento e dor. Dessa forma, Conceição Evaristo é uma dessas vozes que testemunha e protesta contra os abusos, as discriminações e o racismo.

Acerca da recusa constante da existência de uma literatura afro-brasileira, Evaristo (2009, p. 27) questiona, mesmo que brevemente, sobre o posicionamento dos críticos, leitores e mesmo escritores negros que, ao negarem a existência de uma literatura afro-brasileira, impedem que uma parte constituinte da nossa cultura não seja reconhecida, uma vez que “A literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares.” Para Evaristo, a aceitação de um *corpus* literário faria com que o tema se tornasse mais comum entre os leitores, tornando possível o conhecimento de como se deu a construção dos afrodescendentes no Brasil e como isso refletiu em sua atual posição social no país.

Além disso, é importante entender como a cultura africana tem forte influência sobre a nossa, em função da miscigenação que faz parte da sociedade brasileira. A partir dessas perspectivas, as questões trabalhadas no texto de Evaristo têm por intuito considerar as personagens negras na literatura brasileira, uma vez que elas representam uma história de luta, escravidão e violência, pois a literatura, como toda arte, é um reflexo do tempo e do contexto social em que ela está inserida.

2.1 Conceição Evaristo e os estudos críticos

A produção de Conceição Evaristo se volta para o tema do racismo, sendo assim, os artigos, dissertações, críticas, etc., realizados em torno de sua vida e obras refletem e especulam a respeito do mesmo tema. Considerada uma das autoras negras mais estudada atualmente, as pesquisas em torno de sua produção tem mostrado a militância da referida escritora com os problemas do Brasil, posicionando-se sempre em defesa da representatividade do negro, da forma como esses personagens devem sempre demonstrar, em suas narrativas, as posições de subalternidade a que foram (e ainda são) submetidos.

Sobre esse aspecto, Duarte (2018), em sua crítica publicada no *site* literafro, intitulada “Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência” analisa, como o título mesmo supõe, a violência retratada nas obras dos dois autores e ressalta a diferença e a importância desta nas obras de Conceição Evaristo. Para ele “[...] a autora insiste na representação da violência, sobretudo racial e de gênero.”, mas não como uma forma adicional de entretenimento, tornando esta uma cena de ação estereotipada, conferindo ao negro a imagem de alguém sempre selvagem e animalesco, mas como algo necessário à representação do modo como o povo negro é vítima de uma sociedade racista, desigual e injusta.

Segundo Duarte (2018), Evaristo aborda ainda em muitos de seus textos a submissão em que se encontra a comunidade negra. De acordo com a posição desse crítico, a autora faz uso recorrente do recurso de nomeação de seus contos com nomes de diversos personagens de suas obras, ação que traria o universo de subalternidade a que muitos personagens estão sujeitos, para o centro da narrativa, demonstrando, assim, de forma direta, mas sensível, como esse lugar social afeta negativamente os que nele são obrigados a viver.

Duarte (2018) explicita a forma como Evaristo expõe, em suas obras, a violência atrelada à posição que impuseram ao negro desde os tempos de abolição da escravidão, condição de subalterno, incapaz e incipiente. A partir dessa visão, lhe era negado abrigo, trabalho digno e comida, e com isso era obrigado a sobreviver com aquilo que lhe restava e estava ao seu redor. Para Duarte, a autora consegue trazer essa brutalidade para as suas obras na perspectiva da vítima e também do agressor, sem que este pareça alguém frio e sem sentimentos, mas com uma bagagem emocional e histórica comovente. Isso faz com que o leitor compreenda que, embora

não seja correta, a violência acaba sendo lógica àquelas pessoas que precisam conviver com ela, além de trazer questionamentos de o porquê o negro estar, em sua maioria, atrelado sempre à imagem do ladrão, do assassino e do ser deturpado.

Outro trabalho realizado em volta da produção de Conceição Evaristo é o artigo de Bruna Viciniescki (2020), publicado no 1º CONEIL (Congresso Nacional em Estudos Interdisciplinares da Linguagem). Nele a autora trata da questão da importância da representatividade que Conceição Evaristo vê do negro na literatura. Para a pesquisadora, Evaristo vê o tema sobre o negro como uma forma de resistência constante que age em duas diferentes formas:

[...] primeiro como manutenção e difusão da memória, tornando-se um lugar de transgressão ao reescrever a história, antes apenas marcada com o selo do colonizador, a segunda forma visa buscar modos de enunciação positivos na descrição do corpo negro. (VICINIESCKI, 2020, p. 05)

Segundo Viciniescki, a literatura funciona para Evaristo como uma forma de refazer a história e a cultura negra, assim como de tornar o negro, à vista dos demais, em um ser novo e complexo, que traz consigo bagagens que formaram o seu presente, além de permitir a eles o poder da mudança perante a imagem que se estabeleceu sobre os mesmos, como por exemplo, a do corpo feminino sexualizado. E sobre essa questão, Viciniescki (2020, p. 06) afirma que “Tanto a produção teórica como a literária dão protagonismo à personagens que lutam simultaneamente contra o racismo e o sexismo, marcando sua obra com a reflexão às questões de etnia e gênero.” Ou seja, a importância de Evaristo na literatura negra se reafirma ao questionar a imposição da mulher negra apenas como corpo animalesco e sexual, não dando espaço para que se forme nestas mulheres a imagem de mãe, trabalhadora, que defende sua religião, suas causas, em outros termos, a de uma mulher com princípios.

Por fim, mas não menos importante, vale citar aqui a dissertação de mestrado escrita por Bárbara Araújo Machado (2014) de título “Recordar é Preciso: Conceição Evaristo e a Intelectualidade Negra no Contexto do Movimento Negro Brasileiro Contemporâneo (1982-2008)”. Como o título mesmo supõe, o trabalho analisa a contribuição de Conceição Evaristo no meio literário, acadêmico e também na evolução do movimento negro contemporâneo. Ao longo do texto são citados fatos

que contribuíram para a atual posição da comunidade negra no Brasil, ao mesmo tempo em que se cita esses fatos, levanta-se um abrangente de teóricos e, principalmente, literatos negros que, a partir da escrita, refletem sobre suas posições sociais, iniciando um movimento que revolucionaria a forma de se posicionar do ser negro brasileiro.

De acordo com Machado (2014, p. 47) “[...] falar em literatura negra no Brasil é remeter-se à luta de escritores/as negros/as pela construção de uma identidade negra positiva e combativa, principalmente a partir dos anos 1970.” Sendo assim, essa literatura negra é uma forma de resistência contra atos de racismo e contra a falta de representatividade positiva no cânone nacional, visto que em muitas obras, inclusive as aclamadas, o personagem negro é trabalhado a partir de estereótipos que transitam entre a extrema sexualização de seus corpos e uma suposta falta de inteligência. É nesse ponto, da representação negra na literatura, que Evaristo figura como uma escritora de extrema importância.

Evaristo vê na literatura a necessidade de se representar, de se entender e se aceitar como mulher negra e de origem humilde e, segundo Machado, é nesse entendimento e empoderamento de ser negra que Evaristo traz sua maior contribuição para a população negra brasileira:

[...] Afirmar-se negra ante a denominação ‘parda’, presente em um documento oficial, configura um ato contestatório realizado já na tenra infância. Mais do que saber desde pequena que era negra, Conceição diz perceber-se como negra desde *sempre*, atemporalmente. (MACHADO, 2014, p. 65)

Ao “afirmar-se negra”, Evaristo traz em seu discurso a necessidade de entender-se e, acima de tudo, aceitar-se como mulher negra numa literatura e sociedade majoritariamente branca, já que essa autoafirmação, bem junto com o fato de conviver bem com isso, gera um incômodo naqueles que sempre foram privilegiados em meio a sociedade, aqueles que precisavam da autonegação desse povo para se reafirmarem como superiores.

A literatura afro-brasileira de Conceição Evaristo traz, no conjunto de sua obra, tudo aquilo que o homem branco temia que acontecesse: a resistência do povo negro, não mais na base da violência, mas pela literatura e educação. Isso significa que esse povo, há tanto tempo subjugado, tem agora o poder de reivindicar direitos e impor respeito num meio que a elite julgava não caber a eles, de colocar em posição de

inquietação e incômodo todo e qualquer pensamento de intolerância. Além disso, consegue alcançar um número maior de pessoas dispostas a ajudar (mesmo que essas partam de um lugar de fala diferente) a disseminar a ideia de luta igualitária, onde todos se unem por uma causa em comum para todas as minorias marginalizadas em nossa sociedade brasileira: respeito.

3 VIOLÊNCIA FÍSICA E SIMBÓLICA E OUTRAS ATUAÇÕES EM CONCEIÇÃO EVARISTO

A história do negro no Brasil se inicia por volta de 1530 (mil quinhentos e trinta) quando ele é trazido à força de sua terra natal para os trabalhos escravos num lugar desconhecido, com línguas diferentes e religiões diversas que, de uma só vez, foram impostas a ele. Durante mais ou menos 350 (trezentos e cinquenta) anos a situação do negro é de desumanidade e extrema crueldade, ações que viriam a ter consequências mesmo depois de 133 anos (cento e trinta e três) do fim da escravidão. Com a abolição da escravatura, apenas na teoria, no ano de 1888, os negros se vêm numa situação de semelhante agonia no tocante à desumanidade a que eram submetidos, sem direito a trabalho, e, conseqüentemente, privados de uma vida digna.

Com o fim do trabalho forçado veio também a falta de moradia, já que após serem considerados inúteis, os negros não eram vistos como empregáveis e foram expulsos das fazendas onde residiam. A demanda capitalista trouxe a procura de serviços em troca de dinheiro, porém, para os senhores de fazendas, os negros não eram dignos do trabalho e muito menos da monetização deles, sendo assim, além de estarem sem teto, eram privados dos meios de conseguir dinheiro, portanto, forçados a métodos menos favoráveis e dignos.

Com a expulsão dos negros das fazendas, sem uma única política pública voltada para sua realocação, inicia-se um amontoado de barracos em lugares desprivilegiados que, futuramente, viriam a formar as favelas que conhecemos hoje. Quanto aos meios de sobrevivência lhes restaram dois: a subserviência eterna aos de classe média alta (e, em sua maioria, brancos) e a criminalidade, sendo essa vista de forma equivocada como uma saída da condição de miséria, a que são obrigados a viver.

É importante destacar que a condição social do negro vem, por muitos anos, sendo negligenciada pela sociedade e pelos políticos que, com seu sistema falho, continuam a fingir-se de cegos perante os problemas enfrentados por um povo que a muito luta por mudanças. É nesse cenário de descaso e violência que giram as experiências das personagens dos contos de Conceição Evaristo que serão analisados neste estudo. Dessa forma, as protagonistas de “Duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve”, carregam a bagagem da escravidão, das injustiças. A

autora expõe o racismo velado e estrutural vigente na sociedade brasileira, de forma individual e coletiva.

3.1 Violência física e simbólica

São muitos os aspectos que compõem o contexto social dos personagens da obra de Conceição Evaristo, eles variam desde a violência e a criminalidade, intrinsecamente ligados a outras questões sociais, até a relação de subalternidade do negro perante o branco e o descaso que este enfrenta ao ter seus direitos negados e suas necessidades desumanizadas. Num primeiro momento se faz necessário abordar a relação da violência com esse contexto social, salientando que nem sempre essa violência se efetiva apenas como física, mas sim como algo mais simbólico, atingindo as personagens de modo mais sutil. Segundo o sociólogo e pensador francês Bourdieu (1989) a violência simbólica passa a ser efetivada quando a comunicação e o conhecimento (sistemas simbólicos) são utilizados, por meio de imposição ou de legitimação da dominação, para assegurar a dominação de uma classe social sobre outra.

Esse sistema de violência simbólico é estruturado como um sistema natural, e não social, para aqueles que a ele (sistema simbólico) estão sujeitos (neste caso, os dominados), sendo, dessa forma, mais fácil de ser imposto, uma vez que eles o aceitam sem questionamentos por perceberem-no como natural à sua posição social. Ao passo que os espaços sociais se definem, essa estrutura se mostra cada vez mais forte e vai tornando-se mais nítida a ligação entre os agentes dominantes, sua posição nos campos sociais, e seu capital econômico, mostrando que são estes os detentores do poder e nos fazendo entender porque, a cada ano que se passa, a situação precária de grupos marginalizados permanece igual, reforçada por esquemas quase invisíveis de manipulação. Para Bourdieu:

Na luta pela imposição da visão legítima do mundo social [...], os agentes detêm um poder à proporção do seu capital, quer dizer, em proporção ao reconhecimento que recebem de um grupo. [...] Os mais *visíveis* do ponto de vista das categorias de percepção em vigor são os que estão mais bem colocados para mudar a visão mudando as categorias de percepção. Mas, salvo exceção, são também os menos inclinados a fazê-lo. (BOURDIEU, 1989, p.145)

Com esses sistemas simbólicos de violência, torna-se mais clara a importância de instrumentos de dominação, como a linguagem dominante, por exemplo, que exclui o acesso de diversos indivíduos (em sua maioria, pobres e negros) do sistema educacional de qualidade. Este é justamente um ponto importante para a filósofa e escritora Djamila Ribeiro (2017), que vem afirmar que dependendo da forma como a linguagem é utilizada, ela pode ser uma barreira à evolução de pessoas à margem e dá mais poder àquelas que já o detém, criando assim cada vez mais impeditivos para uma educação transgressora.

Dessa forma, esses seriam os principais motivos que tornariam a educação uma ferramenta de difícil acesso para pessoas à margem da sociedade, o que facilita a manipulação em massa dos grupos dominados (como a população negra, em sua maioria). A negação da educação voltada para essa população potencializa a dominação do povo branco sobre as camadas marginalizadas, colocando-as sempre num lugar de inferioridade. Diante disso, é improvável, para muitos, a mudança de vida de indivíduos e da comunidade como um todo, uma vez que é necessário conhecimento suficiente para entender sua posição no meio social e, assim, agir para transformá-la.

Essa forma de violência consegue fazer com que a situação do povo negro permaneça quase estática, já que durante mais de cem anos são vistos poucos movimentos de luta negra, considerando a quantidade de habitantes negros em situação de pobreza e vulnerabilidade no Brasil, e isso se configura como uma violência expressiva contra esse povo que tanto contribuiu para o desenvolvimento econômico e cultural do Brasil.

Vale realçar, outra forma de violência abordada neste estudo, que aparece em muitos momentos na obra de Conceição Evaristo, a exemplo do sexismo sofrido por mulheres negras. Este ato discriminatório, afeta tanto psicológica quanto fisicamente as mulheres que a ele estão expostas, fomentando inúmeras formas de violência, como assédio sexual e/ou verbal, estupro, entre outros. Esse tipo de violência se apresenta das mais variadas formas, mas, em sua maioria, está ligada a objetificação do corpo da mulher negra que nunca é vista como um ser de ideias, sentimentos e valores, mas apenas como um objeto sexual.

Essa questão é abordada por Ribeiro quando defende que “[...] as mulheres negras foram construídas ligadas ao corpo e não ao pensar, em um contexto racista.” (RIBEIRO, 2017, p. 27). Isso nos leva a compreensão da gravidade do problema que

se perpetua desde os tempos da escravidão, quando mulheres negras eram abusadas sexualmente pelos senhores de escravos. Essa realidade é muito presente na sociedade atual, pois segundo o *site* Observatório do Terceiro Setor (2021), “O Brasil ocupa o 2º lugar no ranking de exploração sexual infantojuvenil” onde “75% das vítimas são meninas e, em sua maioria, negras.”

Desse modo, a violência sofrida pela mulher negra tem agravantes ainda mais preocupantes quando se fala nos engajamentos sociais, já que elas são excluídas de lutas tanto antirracistas quanto feministas. Para Ribeiro (2017) as lutas feministas vêm excluindo mulheres negras de suas pautas há muitos anos, tornando o movimento que deveria abarcar todas as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em geral, em um movimento branco hegemônico, que visa defender os direitos apenas daquelas que mais se destacam em meio a sociedade.

Sobre esse aspecto, Ribeiro (2017, p. 41) afirma ainda que “a insistência em falar de mulheres universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte dessas mulheres seja vista.”, deixando no esquecimento a vivência e as dificuldades que mulheres negras e de classe econômica baixa enfrentam diariamente, como ocorre com as personagens evaristianas.

Um exemplo da desigualdade existente entre mulheres brancas e negras (mesmo no movimento feminista) pode ser visto em um dos contos que será analisado nesse trabalho, de título “Quantos filhos Natalina teve?”, onde a protagonista, pobre, negra e moradora da favela encara quatro gravidezes, que afetam sua história de vida de formas diferentes. A primeira gravidez da protagonista acontece ainda na sua adolescência e traz à personagem uma angústia perante a falta de uma política pública assistencialista voltada ao problema de gravidez na adolescência, e também à falta de educação sexual, que coaduna com a polêmica do aborto. Essas questões em debate violam de forma direta ou indiretamente mulheres pobres e, em sua grande maioria, negras. Nesse sentido, as diferenças e desigualdades no universo feminino são esclarecidas por Carneiro ao afirmar que:

[...] em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão

além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade. (CARNEIRO, 2003, p. 118).

Essa discrepância de direitos encontrada dentro do movimento feminista é observada desde o seu início e estão postos em inúmeros artigos e trabalhos, principalmente de mulheres negras, que adentram nessa problemática na tentativa de trazer mudanças ao movimento. Dentre os inúmeros trabalhos, vale a pena destacar o da filósofa, feminista e argentina Lugones (2014) que traz em seu texto “Rumo a um feminismo descolonial” a problemática da desigualdade no seio do feminismo e apresenta formas voltadas para a integração de mulheres de diferentes etnias, idades e classes econômicas. Sobre esse aspecto, a autora afirma que:

[...] a tarefa da feminista descolonial inicia-se com ela vendo a diferença colonial e enfaticamente resistindo ao seu próprio hábito epistemológico de apaga-la. Ao vê-la, ela vê o mundo renovado e então exige de si mesma largar seu encantamento com “mulher”, o universal, para começar a aprender sobre as outras que resistem à diferença colonial. (LUGONES, 2014, p. 948)

Para Lugones a diferença colonial é, nesse contexto, mais do que a divisão entre o colonizador, homem europeu, e os colonizados e negros escravizados. Segundo a autora, essa divisão se apresenta também numa outra face, uma ramificação advinda da divisão entre colonizador e colonizado, que a autora denomina de “colonialidade de gênero”, que apresenta a diferença existente entre homens e mulheres. Lugones vem dizer que na perspectiva da colonialidade de gênero:

O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês. (LUGONES, 2014, p. 936)

Se nessa perspectiva a mulher branca, europeia, burguesa já era vista como inferior, a situação toma proporções ainda mais grotescas quando se fala das mulheres negras e/ou índias escravizadas, ou, como a autora chama, “colonizadas”. Segundo Lugones (2014, p. 939), os colonizados eram vistos de tal forma como inferiores que a “[...] mulher colonizada é uma categoria vazia [...]”, ou seja, nenhuma

pessoa do gênero feminino, que fosse colonizada, poderia receber a denominação de mulher, pois aos olhos dos colonizadores, este grupo era tido como inferior e, portanto, não poderia receber características de gênero, rebaixando-as a um grau de divisão entre fêmeas e machos, atribuindo a essas pessoas características puramente sexuais, tornando-as, aos olhos de todos, em figuras animais.

É a partir de problemáticas como essas que o feminismo deve ser compreendido dentro de seus próprios movimentos, sem que sejam visto como superior ou inferior em detrimento de outro. O feminismo é um movimento amplo, que abarca questões de raça, gênero, orientação sexual e muitas outras questões há muito tempo deixadas em segundo plano. Como bem ponderou, certa vez, Ribeiro (2019, p. 10) “o propósito aqui não é impor uma epistemologia de verdade, mas contribuir para o debate e mostrar diferentes perspectivas”, mas levar o movimento a lugares onde as mulheres estão mais vulneráveis, adentrar escolas menos privilegiadas para que garotas, e futuras mulheres, possam fazer parte da luta e conseqüentemente espalhar a realidade, que é diversa, de mulheres à beira da marginalidade, é esse o dever que o feminismo tem na luta por todas as mulheres, de diferentes campos sociais.

Outra atuação versada no contexto social da população negra é a criminalidade e a sua ligação com o descaso social e político, que a cada ano agravam a situação de pessoas negras e, principalmente, moradoras de comunidades. A precariedade no sistema educacional, os subempregos e o racismo velado levam negros(as), na maioria das vezes, a seguir o caminho da criminalidade, que pode não ser o mais fácil, mas em grande parte é o mais acessível. Uma vez que o tráfico e a disputa por territórios são comuns nos morros e culminam, muitas vezes, em mortes, tudo isso se torna frequente na vida daqueles que sofrem diariamente a exclusão de seus direitos básicos.

A criminalidade, juntamente com o sentimento de medo, impotência e falta de perspectiva fazem parte do dia a dia de pessoas à margem da sociedade, que são esquecidas e não fazem parte do público alvo de políticas públicas voltadas à educação, saúde, segurança e diversas outras ações que são desfrutadas por outras parcelas da população. Nos contos de Evaristo, que serão posteriormente analisados, é possível ver diversos problemas de marginalização de grupos negros, e apresentam, de forma objetiva, como a criminalidade toma o lugar da educação por falta de

perspectiva das vítimas do esquecimento político, e isso potencializa a violência e a criminalidade.

O tema da criminalidade é alvo de diversas discussões da atualidade, as causas que levam a um ato criminoso, sua origem e as formas de como combatê-la estão sempre sendo analisadas por estudiosos, acadêmicos e parte de um poder político. É fato que ela, a criminalidade, querendo ou não, faz parte da sociedade atual em que vivemos e como a literatura traduz o contexto social da época em que é produzida, ela obviamente traria a criminalidade como tema em diversas obras e a usaria como forma de denúncia.

3.2 “Duzu-Querença”: marginalização e desordem psicológica

As obras literárias de Conceição Evaristo sempre foram repletas de referências à comunidade negra, trazendo à tona o tema do racismo, a luta contra a intolerância, a força da comunidade, como também a necessidade de união entre o povo negro. Os contos que compõem o livro *Olhos D'água* abordam as vivências das personagens e a forma como o racismo e a desigualdade as afetam, bem como elas reagem a esse tipo de intolerância. Dentre os quinze contos que compõe a obra, foram escolhidas as narrativas “Duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve?”. Esses contos focam na vivência de cada personagem, mostrando suas individualidades e como, em alguns pontos, elas se conectam com o quadro geral vivenciado pelos negros e principalmente as mulheres que se encontram à margem da sociedade.

Os referidos contos apresentam vários aspectos de discriminação sofridos pelas personagens, uma manifestação da realidade de muitos negros no Brasil. Além disso, apresenta as formas mais sutis da crítica perante a injustiça e o clamor por uma reflexão em volta de diversos problemas envolvendo essa parcela da população. Dentre muitos pontos abordados, encontra-se o do contexto social, apresentado nas mais variadas formas ao leitor. É importante destacar que dentre esses aspectos, o ambiente, o tipo de linguagem, a classe social, condições econômicas, níveis de escolaridade, interações humanas, e muitas outras características que compõem o contexto social dos personagens, bem como a forma como as personagens se relacionam com o espaço geográfico, revelam muito sobre as diferenças e desigualdades entre as mulheres negras.

O conto “Duzu-Querença”, por exemplo, traz uma personagem que vive nas ruas e utiliza da imaginação para escapar de situações de sofrimentos psicológicos. A construção dessa personagem é a junção de memórias de uma infância difícil, marcada pela negligência de D. Esmeraldina (cafetã de um bordel), pela exposição a ambientes, linguagens e pessoas impróprias para uma criança, e a desilusão de sonhos ainda na infância. É durante um desses momentos de exposição, assédio e violência, mais especificamente de estupro, que a protagonista do conto percebe, pela primeira vez, a situação em que está inserida e a encara com a face da desilusão de muitos sonhos que lhes foram prometidos:

Um dia quem abriu a porta de supetão foi D. Esmeraldina. Estava brava. Se a menina quisesse deitar com homem podia. Só uma coisa ela não ia permitir: mulher deitando com homem, debaixo do teto dela, usando quarto e cama, e ganhando o dinheiro sozinha! Se a menina era esperta, ela era mais ainda. Queria todo o dinheiro e já! Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e de tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e porque parar. (EVARISTO, 2016, p. 22)

Nesse fragmento é possível ver que a inocência vai perdendo espaço para a desilusão de acordo com o entendimento da personagem sobre a situação que presencia. De repente a raiva de D. Esmeraldina se faz entender perante Duzu, esta percebe também que o homem com quem estava não te dava dinheiro por ser uma boa pessoa e que suas carícias não eram gentis, mas sim abusos, e o dinheiro era consequência de sua falta de entendimento.

A construção dos fatos e a forma como o narrador aborda a situação, fazendo uma transição entre a inocência da personagem e seu amadurecimento precoce e forçado, nos leva a perceber que sua intenção é chocar, expor situações como essas e apontar o quanto isso afeta, física e psicologicamente, a vida da personagem. Além disso, a forma como o narrador, em terceira pessoa e onisciente, retrata os momentos de violência sofridos pelas personagens de ambos os contos aqui analisados, demonstra certa crueldade, uma vez que a narrativa não dá espaço para os sentimentos das personagens, descrevendo apenas seus momentos de agonia. O uso desse narrador cruel, imparcial aos sentimentos das personagens perante seus

sofrimentos ao longo do desenvolver de ambos os contos é mais um artifício literário utilizado para trazer desconforto e uma sensação de choque ao leitor.

Sendo assim, é perceptível a intenção de crítica neste conto, uma vez que a situação que a personagem vive faz parte da vida de muitas meninas pobres e negras iguais a Duzu, expostas aos abusos e violência sexual. A situação da personagem do referido conto coaduna com a situação de muitas crianças, adolescentes e mulheres negras no Brasil, pois, de acordo com informações contidas no site “Observatório do Terceiro Setor”, (2021), a grande maioria das meninas e mulheres abusadas e na prostituição são negras. Nesse sentido, abordar a sexualidade precoce de muitas meninas negras faz parte da escrita sensível e chocante de Evaristo. O narrador se apropria de palavras infantis para se referir ao ato sexual praticado por uma pessoa jovem, como o exemplo da primeira gravidez de Natalina, personagem do conto “Quantos filhos Natalina teve?”, em que utiliza o termo “pique-esconde” para se referir à primeira gravidez da personagem advinda do ato sexual entre a mesma e seu namorado da época: “[...] Brincava gostoso quase todas as noites com o seu namoradinho e quando deu fé, o jogo prazeroso brincou de pique-esconde lá dentro de sua barriga. (EVARISTO, 2016, p. 27).

O uso de tais termos evidencia a inocência das personagens femininas de Evaristo, que se vêm em situações de vulnerabilidade, e muitas vezes não conseguem contorná-las ou sair delas. É o caso, por exemplo, do que acontece no conto “Duzu-Querença”, quando a personagem não entende uma situação de assédio que sofre, mas a compreende como se fossem apenas gestos de carinho:

Duzu ficou olhando tudo. Teve um momento em que o homem chamou por ela. Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois. (EVARISTO, 2016, p. 21)

De acordo com o narrador, Duzu parece ter uma visão ingênua e infantil diante da exploração sexual a que é submetida, o que faz com que esse trecho choque não só pelo que acontece, o que em si já traz uma sensação de desconforto ao leitor, mas também pelo fato de que o narrador consegue abordar de forma sensível o modo com que a inocência dessa personagem a negligência. Em muitos pontos do conto consegue-se perceber que a personagem Duzu é construída a partir de diversos fatores sociais que culminam na situação atual em que ela se encontra. A infância

difícil, marcada pela falta de educação e negligência levam a personagem a fazer escolhas baseadas na sua compreensão da própria realidade e em suas expectativas de futuro, o desenvolve cada vez mais a desigualdade e o sexismo dos corpos da mulher.

As desigualdades enfrentadas pelas personagens do conto não são alheias ao que acontece com mulheres negras e pobres na vida real. Ribeiro discute sobre a exploração sexual e o sexismo dos corpos femininos e expõe que “[...] a relação que os homens mantêm com as mulheres seria esta: da submissão e dominação, pois estariam enredadas na má-fé dos homens que as veem e as querem como um objeto” (RIBEIRO, 2017, p. 21). Isso evidencia, na concepção sexista, que a mulher não é capaz de pensar em si e por si, de decidir sobre seu corpo. Essa objetificação da mulher se dá na perspectiva de que ela deduz que não tem domínio sobre seu corpo, servindo de objeto de prazer para o homem, para agradá-lo, em primeiro lugar, ou passa a utilizar o corpo como instrumento de trabalho sexual.

Dessa maneira, a personagem de Evaristo deduz que no ambiente em que vive e com a escassez de oportunidades para pessoas como ela, seu corpo desponta como uma saída plausível para o trabalho libidinoso, uma alternativa também de sobrevivência em meio à pobreza e exploração. É, portanto, dessa forma de trabalho que a personagem usufrui e, ao longo do tempo, viveu se prostituindo nos lugares mais promíscuos por muitos anos: “Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas” (EVARISTO, 2016, p. 22).

A maneira como o narrador insere a personagem na prostituição traz à reflexão diversos pontos que surgem como pautas de muitas pesquisas atuais. Dentre essas pesquisas, temos o ensaio “Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira” que foi escrito pela mulher negra e escritora Conceição Evaristo. Para Evaristo (2005, p.52), “a apresentação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor.”, desta forma fica claro que os contos “Duzu-Querença” como “Quantos filhos Natalina teve?”, denunciam essa representação do “corpo-objeto” e “corpo-procriação”. Porém, a forma como as personagens são inseridas no mundo da prostituição e também na vida sexual, não se configura como um reforço desses estereótipos, mas muito mais como uma reflexão do quanto negativa é a representação da mulher negra como um ser objeto e sem sentimentos.

Importante ressaltar que essa representação negativa sofrida por mulheres negras é um tipo específico de violência que outros grupos femininos, independente de raça ou classe social, não sofrem, uma vez que, segundo Carneiro, a mulher negra é estigmatizada há muito tempo, e isso impede o acesso ao trabalho:

[...] constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima. (CARNEIRO, 2003, p. 122)

Esse tipo de violência é bastante exposto no conto “Quantos filhos Natalina teve?”, cuja personagem negra enfrenta diversos problemas relacionados a sua vida sexual, situações marcadas por diversos traumas que se desenham de acordo com cada um de seus relacionamentos malfadados. No conto em questão, as relações sexuais e os relacionamentos acompanham as vivências, os problemas e a felicidade da personagem.

3.3 “Quantos filhos Natalina teve?”: inocência perdida

Ao longo da história Natalina engravida quatro vezes, e três dessas gravidezes são indesejadas pela protagonista, e isso desencadeia uma série de conflitos para a personagem que odeia as gestações anteriores, recusando os filhos como se eles nunca tivessem existido, conforme denuncia o narrador do conto evaristiano:

Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho. Foram dados logo após e antes até do nascimento. As outras barrigas ela odiara. (EVARISTO, 2016, p. 27)

O narrador expõe o comportamento da personagem diante da quarta gravidez, a aceitação e o orgulho de dizer que o filho é seu e de homem algum pode ser uma expressão da realidade de muitas jovens que se deixam envolver com a esperança da maternidade, mas que são abandonadas pelos seus companheiros e por isso passam a exercer a maternidade e a paternidade. Esse orgulho de querer o filho só para si é a negação ao “macho” que se esquivava da responsabilidade de pai, uma

espécie de dignidade às avessas, pois, muitas vezes, elas não têm condição financeiras de criar os filhos sozinhas.

Essa rebeldia, na maioria das vezes, tira do homem a responsabilidade com os filhos, além de negar o direito da criança de conhecer ou manter contato com a figura paterna. Por outro lado, o fato de ser negra e pobre contribui para a falta de acesso da personagem a uma educação pautada na orientação dos direitos e deveres, bem como a restrição à educação sexual, situação diferente, quase sempre, entre as adolescentes e mulheres brancas pertencentes às camadas sociais privilegiadas. Sobre essa problemática, Guimarães ressalta os seguintes dados:

De 2018 a 2020, enquanto houve diminuição de 10% nos casos de gravidez entre meninas brancas de 10 a 17 anos, entre meninas negras, a redução foi de apenas 3,55% nos maiores estados das cinco regiões do país: São Paulo (Sudeste), Rio Grande do Sul (Sul), Bahia (Nordeste), Pará (Norte), Goiás (Centro-Oeste). Só em 2020, 62,74% das gestações de mães adolescentes eram de jovens negras, diante de 36,52% de gestações de jovens brancas, 0,38% de amarelas e 0,36% de indígenas. (2018)

Esses dados mostram como essa parcela da população fica excluída dos meios de informações num percentual bem maior do que a população branca. A primeira gravidez de Natalina, personagem do conto de Evaristo, ocorreu na adolescência, quando sequer compreendia as consequências do ato sexual, considerando, conforme concepção do narrador, uma brincadeira: “[...] Brincava gostoso quase todas as noites com o seu namoradinho e quando deu fé, o jogo prazeroso brincou de pique-esconde lá dentro de sua barriga.” (EVARISTO, 2016, p. 27). O narrador apresenta uma menina ingênua, que brincava com seu namorado e parecia desconhecer as consequências da relação sexual desprotegida e não têm consciência dos perigos para sua saúde, seu corpo e sua vida em geral.

Outro tema muito importante abordado por Evaristo no conto “Quantos filhos Natalina teve?” é o aborto indiscriminado, sem proteção e acompanhamento. A personagem é submetida a riscos, no caso da protagonista, o perigo do aborto feito por pessoas sem quaisquer conhecimentos científicos e legais. A experiência da primeira gravidez e a inocência da menina se mostra quando, após diversas tentativas de aborto, Natalina conversa com a mãe, que considera levar a garota a “Sá Praxedes”, personagem responsável pelos partos e abortos da comunidade. O horror

da personagem é patente, principalmente porque ela acredita que a parteira comia crianças, uma forte demonstração da inocência de Natalina:

Sá Praxedes, não! Ela morria de medo da velha. Diziam que ela comia meninos. Mulheres barrigudas entravam no barraco de Sá Praxedes, algumas, quando saíam, traziam nos braços as suas crianças, outras vinham de barriga, de braços e mãos vazias. Onde Sá Praxedes metia as crianças que ficavam lá dentro? Sá Praxedes, não. [...] Sá Praxedes comia criança! Natalina sabia disso. (EVARISTO, 2016, p. 28)

A temática do aborto e o modo como é realizado pela parcela mais pobre das mulheres, como no caso da personagem Natalina, precisa ser debatida, uma vez que muitas jovens do mundo real são submetidas a procedimentos ilegais, expondo a mulher a riscos de morte ou mutilação do seu corpo. Essa prática indiscriminada, em condições precárias, é criticada por Carneiro, que salienta que o movimento feminista, por mais importante que seja em alguns aspectos no tocante aos direitos das mulheres, precisa engajar-se de forma mais eficaz nas lutas em favor da legalização do aborto, e que apesar de alguns avanços, é preciso melhorar em alguns pontos, conforme posicionamento da referida filósofa, na:

[...] luta pela descriminalização do aborto que penaliza, inegavelmente, as mulheres de baixa renda, que o fazem em condições de precariedade e determinam em grande parte os índices de mortalidade materna existentes no país [...] (CARNEIRO, 2003, p. 128)

Além de trazer esta dura realidade, a forma como a situação é abordada no conto de Conceição Evaristo, mostra uma duplicidade na construção da personagem (duplicidade esta que está presente em muitas outras personagens da obra). Ao mesmo tempo em que Natalina, ainda menina, sente medo da personagem Sá Praxedes, usa da figura da mulher para assustar seus irmãos e obter a obediência que precisa para ajudar a mãe nas tarefas de casa. A forma como essa personagem é adulta e criança ao mesmo tempo, traz uma duplicidade que desconforta e causa empatia no leitor, uma vez que toda a situação acontece pelo conjunto de fatores que formam o contexto social de Natalina: a pobreza, a violência simbólica a que é submetida, o racismo e a falta de políticas públicas.

Como mencionado em outros momentos desse estudo, as pesquisas referentes à gravidez na adolescência mostram que a maioria excedente delas são de meninas

negras. E com relação a cuidados com outros membros da família e apoio na criação de irmãos menores, como é o caso da personagem Natalina, os casos também são mais altos entre meninas negras, que têm uma sobrecarga de trabalho e responsabilidades inadequadas, muitas vezes, para a idade quem têm. Isso tira da criança o direito de ser criança, a infância perdida pela carga de atividades domésticas e outras tarefas atribuída ao universo infantil. A personagem Natalina representa a estatística da realidade das meninas negras do Brasil, conforme aponta Guimarães:

Na pesquisa da PNAD Contínua, o cuidado a outras crianças da casa, até 5 anos, também é um indicativo de sobrecarga de cuidados domésticos para meninas negras: elas compõem 75,32% das responsáveis pelos cuidados a outras crianças, enquanto 24,32% são brancas. (GUIMARÃES, 2021)

Esses dados revelam a desigualdade entre meninas negras e brancas, cujas condições de vida se diferenciam pelo estigma do racismo e da pobreza. É em meio a esse ambiente de dificuldades envolvendo a falta de informação que Natalina passa a experiência de parir seu primeiro filho, entregue à doação logo após o nascimento. Já a segunda gravidez da personagem é acompanhada de um sexismo que cerceia mulheres de diferentes etnias, classes sociais e econômicas. Mesmo mais madura e tomando cuidado durante as relações sexuais, a personagem acaba por engravidar, o que lhe causa constrangimento e vergonha, porém, seu parceiro, conhecido por “Tonho”, equivocadamente entende a notícia como algo bom, o que é completamente contrário ao sentimento de Natalina:

[...] Natalina ganhou preocupação nova. Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família alguma. Não queria filho [...] Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho. Voltou levando consigo o filho que Natalina não quis. (EVARISTO, 2016, p. 29)

Fica claro, mesmo que de forma inconsciente, o sexismo praticado pelo companheiro da protagonista do conto evaristiano, uma vez que ele acredita que o ápice da idealização de uma mulher, seria a eterna serventia ao marido e ao filho, uma vida baseada em princípios antigos, criados pelo patriarcado. Recusar o casamento e o filho, neste sentido, é uma manifestação da emancipação da

personagem, não queria ter aquele filho, muito menos ficar ligado a um homem por causa do nascimento da criança. A ideia de felicidade feminina sempre esteve ligada ao casamento e à maternidade, uma concepção machista e patriarcal, que associam a realização da mulher ao matrimônio e à condição de genitora.

Já a terceira e penúltima gravidez de Natalina escancara uma realidade que infelizmente relembra um tempo em que ser negro era ainda mais difícil do que nos dias atuais: a escravidão. A terceira gestação da protagonista é cercada por um profundo sentimento de serventia da mulher negra, Natalina, perante os senhorios brancos, que figuram como seus patrões. Esta gestação traz à tona uma questão ainda muito debatida na atualidade, onde a mulher negra não é enxergada como ser humano de direitos e deveres, com pensamentos, ideias e desejos, mas apenas a partir do seu corpo e dos benefícios que este proporciona a terceiros (que, muitas vezes, são pessoas brancas de classes sociais e econômicas mais elevadas).

O desejo de um filho parte da patroa de Natalina que, após diversas tentativas, percebe que não consegue engravidar e vem, juntamente com o marido, pedir pela ajuda da então “empregada” da família. Nesse contexto, a personagem negra e empregada da família surge como aquela que pode realizar o sonho da maternidade da patroa, que não conseguia engravidar, uma forte demonstração do poder da classe dominante sobre os mais pobres e subalternos:

A mulher queria um filho e não conseguia. Estava desesperada e envergonhada por isso. Ela e o marido já haviam conversado. Era só a empregada fazer um filho para o patrão. Elas se pareciam um pouco. Natalina só tinha um tom de pele mais negro. Um filho do marido com Natalina poderia passar como sendo seu. (EVARISTO, 2016, p. 29)

Percebe-se no excerto acima que em momento algum são cogitados os sentimentos de Natalina perante o pedido da patroa. Isso acontece porque Natalina não é vista como uma mulher, como um ser humano, mas sim apenas como a servente da casa, a empregada, o corpo que tem por objetivo servir, independentemente de qual seja o pedido. É exatamente por esse tipo de pensamento que, logo após ter o filho, Natalina torna-se insignificante, como fica claro nas palavras do narrador: “[...] Para o seu próprio alívio foi esquecida pelos dois.” A personagem volta a ser apenas a empregada, irrelevante na vida de ambos, que seguem suas vidas, abandonando-a (EVARISTO, 2016, p. 30).

Enquanto pesquisadora, preocupada com essas questões de desigualdade, racismo e o lugar da mulher negra na sociedade brasileira, Conceição Evaristo defende em seu ensaio “Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”, que a ausência da mulher negra e mãe e o reforço da mulher negra relacionada ao corpo na literatura brasileira são resquícios de uma sociedade escravocrata, que via pessoas de pele negra como seres não racionais:

[...] Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. (EVARISTO, 2005, p. 53)

É exatamente por esse tipo de representação existente na literatura, que Evaristo, mulher negra e de origem pobre, faz questão de trazer em seus escritos literários um outro lado da moeda, ou seja, ela mostra mulheres negras em situação de vulnerabilidade, vistas como objetos de prazer, mas dá a estas mesmas mulheres sentimentos que antes não eram explorados, fazendo o leitor se sentir desconfortável com a situação a que as mesmas são submetidas. Abordar essas violências sofridas e esses contextos de vulnerabilidades parece ser o objetivo das narrativas evaristianas, que trazem temas de fortes debates na atualidade, expondo a realidade dessas personagens marginalizadas socialmente.

É exatamente nessa visão da personagem que é focada a narração da última gravidez de Natalina, que traz à tona o ápice da violência sexual sofrida por uma mulher, independentemente de sua etnia ou classe social. Por mais que o estupro faça milhares de vítimas ao longo dos anos no Brasil, de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2019), a maioria delas ainda é negra, fazendo dessa parcela da população a maior vítima desse tipo de violência, totalizando uma porcentagem de 50,9% delas. O estupro que Natalina sofre gera seu quarto e último filho que, como é anunciado pelo narrador: “[...] fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte” (EVARISTO, 2016, p. 31). A forma como os sentimentos da personagem são explorados pelo narrador, que apesar de ter sido violentada, consegue encontrar amor e principalmente felicidade ao ver-se grávida do quarto e último filho, pode ser relacionada à liberdade que Natalina encontra ao poder controlar a sua vida e o destino de seu filho pela primeira vez, como evidencia o narrador:

A quarta gravidez de Natalina não lhe deixava em dívida com pessoa alguma. Não devia o prazer da descoberta ao iniciar-se mulher, como tinha sido nos encontros com Bilico. [...] Não devia nada, como na segunda barriga, quando ficou devedora diante da inteireza de Tonho, que se depositava pleno sobre ela, esperando que ela fosse viver com ele dias contínuos de um casal que acredita ser feliz. [...] Não era devedora de nada, como na terceira, ao se condoer de uma mulher que almejava sentir o útero se abrir em movimento de flor-criança. Doou sua fertilidade para que a outra pudesse inventar uma criação, e se tornou depositária de um filho alheio. (EVARISTO, 2016, p. 30)

A última gravidez de Natalina lhe confere uma sensação de liberdade e autonomia, pois sua história de vida sempre fora cheia de expectativas criadas por terceiros, que conduziam suas decisões, decidiam, exploravam e a abandonavam. Agora Natalina subverte a situação, apesar da violência sofrida, e ver-se livre de tudo isso dá a protagonista a chance de renascer, de poder, pela primeira vez, traçar o próprio caminho, trazendo consigo a experiência de tudo aquilo que já viveu. E é de acordo com essas vivências que as personagens e as suas histórias se desenvolvem. As narrativas seguem um trajeto lógico, onde uma ação dá sequência a uma outra que, mais à frente, renderão memórias sempre tristes, de injustiça e sofrimento, que reflete a vida delas mesmas e de outras personagens. Porém, para Natalina, esse final, ainda que deturpado, termina com uma pequena parte feliz.

3.4 O racismo estrutural como forma de manipulação presente no conto “Duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve?”

O racismo, em um significado mais amplo, é a manifestação do preconceito e/ou discriminação praticado por um indivíduo e direcionado a outro indivíduo, ou grupo de indivíduos que pertencem a um determinado grupo étnico ou racial. Embora hoje se fale bastante sobre esse tipo de discriminação, a sua atuação mais intensa ainda é pouco conhecida por uma grande parte da população que, mesmo sem querer, normalizaram, ao longo da construção da civilização moderna, a prática invisível desse tipo de racismo. Essas práticas “invisíveis” podem ser percebidas em ambos os contos que vêm sendo analisados ao longo deste trabalho. O chamado racismo estrutural está presente nas diversas injustiças sofridas pelas personagens dos contos, como a falta de políticas públicas (como educação, saúde, segurança), a

exposição a subempregos e a violência física e simbólica sofrida pelas personagens, que fazem parte desse grupo marginalizado.

O racismo estrutural acompanha o desenvolvimento e a “evolução” da sociedade como a conhecemos atualmente. A construção de sistemas coloniais e, posteriormente, capitalistas têm, em sua base, a necessidade de racializar Estados, para assim classificar as hierarquias econômicas e definir as classes sociais, ofertando aos grupos de cor negra os lugares de inferioridade e subalternidade. Em seu texto “Racismo Estrutural” Almeida (2019, p. 22) vem dizer que “[...] a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de *grupos sociologicamente considerados minoritários.*”, ou seja, a política e suas vertentes utilizam do racismo para legitimar o lugar de poder das classes dominantes que, logicamente, é composta em sua maioria por pessoas brancas.

Levando em consideração essa ótica que compõe o racismo estrutural, é fácil concluir que, dentro de ambos os contos, essa forma de discriminação (e não apenas preconceito), é explícita em diversos momentos, mostrando que a formação dos Estados capitalistas como conhecemos e o controle que o mesmo tem sobre as sociedades civilizadas, só existe, graças ao racismo. Almeida, ainda em seu texto, vem dizer que:

[...] não é o racismo estranho à formação social de qualquer Estado capitalista, mas um fator estrutural, que organiza as relações políticas e econômicas. Seja como racismo interiorizado - dirigido contra as populações internas - ou exteriorizado - dirigido contra estrangeiros -, é possível dizer que países como *Brasil, África do Sul e Estados Unidos não são o que são apesar do racismo, mas são o que são graças ao racismo.* (ALMEIDA, 2019, p. 111)

O que implica concluir que os países modernos e suas formações, como classe social e econômica, só existem no formato que conhecemos atualmente graças ao racismo estrutural, que racializa populações e justifica o porquê de existir normalização no fato de a maioria da população a viver à margem da sociedade ser constituída por pessoas de pele não branca.

Existem diversas formas de apontar os meios de percepção do racismo estrutural. Ele pode se apresentar como manipulação, controle das massas, violência física e também simbólica, entre outros. O formato de manipulação das massas e, conseqüentemente, naturalização de desigualdades mostra-se presente em diversos aspectos de ambos os contos aqui analisados. No conto “Duzu-Querença”, por

exemplo, é possível ver que essa forma de controle feito pela sociedade e, conseqüentemente, pelo Estado, garante que pessoas negras e marginalizadas, como a protagonista do conto, tenham acesso a formas de trabalho precárias e limitadas, garantindo assim que suas expectativas de vida mantenham-se baixas a respeito de uma suposta melhora na sua condição de vida. Um outro controle realizado, dentro do conto, é com relação à educação da protagonista, que recebe a promessa de estudos, feita por D. Esmeraldina (dona do bordel onde ela vem a trabalhar), e que nunca é de fato realizada.

É dentro dessa perspectiva de engano e controle que, em determinado momento, Duzu percebe de fato qual a realidade disponível para ela e pessoas como ela, uma realidade de subalternidade, de subempregos, de naturalização da pobreza e da falta de educação e segurança (2016, p. 21): “[...] Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida”. É dentro dessa concepção de aceitação da inferioridade, por parte da personagem negra, e de imposição de condições subalternas, por parte da sociedade, que atua o racismo estrutural: como uma validação das injustiças sofridas pelos povos não brancos, justificando a não mudança dessas realidades com a cor da pele.

Seguindo esse ponto de vista, a discriminação racial não poder ser vista apenas como um ato direto ou indireto de ódio ou preconceito direcionada a outra pessoa. Obviamente, esse tipo de discriminação também configura como racismo, porém, para autores como Almeida:

Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um *processo* em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. (ALMEIDA, 2019, p. 24)

Sendo assim, o racismo estrutural, no conto “Duzu-Querença” está presente de forma discreta, na disposição de um emprego que proporcione a essa personagem o sofrimento de uma “quase vida”, em que não se vive, mas apenas sobrevive, em que essa forma de existência é passada por gerações, como de fato acontece com a personagem. Garante-se assim que por anos as oportunidades sejam distribuídas pela cor, assegurando a riqueza das pequenas parcelas da população branca e proporcionando pobreza à maioria, que é negra, por mais décadas ou séculos. A conformação da personagem Duzu é bem retratada no conto, demonstrando o quanto

essa alienação, promovida pelo Estado, afeta em boa parte as pessoas que sofrem o racismo estrutural e afeta, de forma particular, as mulheres, que dentro da hierarquia de discriminações, são as principais vítimas:

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida. (EVARISTO, 2016, p. 22)

Essa rendição por parte da personagem não é algo aleatório, mas sim organizado e estruturado no meio social. É a construção sócio-histórica, que teve como base o racismo, garantindo que as desigualdades presentes em países, cuja maioria da população é negra, sejam continuamente naturalizadas, garantindo o lugar de poder ao homem branco. Essa naturalização de desigualdades, de lugares de inferioridades para pessoas negras, é ainda mais forte para mulheres, como Duzu, por exemplo, mostrando que as maiores vítimas do racismo são elas. Para Lélia, que é citada no livro “Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico-crítica”, de Oliveira, a ideia de que o racismo atua como reprodutor das relações de produção, estabelece o que ele chama de atores dos lugares subalternos:

[...] o que a pensadora brasileira coloca é que a reprodução ideológica dos atores nos lugares sociais interdita as possibilidades de ascensão social da mulher negra, ainda que ela tenha as qualificações para o exercício de determinadas funções. (OLIVEIRA, 2021, p. 48)

Ou seja, para o escritor, esses atores que ocupam sempre lugares de inferioridade são sempre pessoas negras e, infelizmente, para mulheres negras, cruzar a linha de subordinação imposta à elas e ascender no meio social é ainda mais difícil. Para tentar ultrapassar essa imposição sócio-histórica e enfrentar a situação, Oliveira (2021, p. 51) afirma que seria necessário um “projeto político de superação” que, sem dúvidas, na realidade brasileira e também na realidade presente nos contos aqui destacados, está muito longe de acontecer.

Essa imposição sócio histórica que determina os lugares de subalternidade aqui já mencionados, está, também, presente em alguns momentos do conto “Quantos filhos Natalina teve?”. A personagem, que ao longo do conto tem 4 gravidezes, já na primeira, encara a realidade das pessoas à margem, que não têm acesso a segurança e saúde, que são abandonadas pelo estado e pelas políticas

públicas, que deveriam ser as encarregadas de promover alguma mudança. Em seu primeiro contato com a maternidade, a personagem, desejosa de não ter o filho, decide que a melhor saída é o aborto, porém, para pessoas como ela, não existem condições seguras para tal e, no conto, essa temática é abordada pelo narrador a partir das vivências da mãe da personagem (que comenta o uso de chás e possível procedimento abortivo com a então já mencionada personagem Sá Praxedes):

Natalina sabia de certos chás. Várias vezes vira a mãe beber. Sabia também que às vezes os chás resolviam, outras vezes, não. Escutava a mãe comentar com as vizinhas: - Ei, fulana, o troço desceu! - E soltava uma gargalhada aliviada de quem conhecia o valor da vida e o valor da morte. [...] Ia tentar mais um pouco de beberagens, se não desse certo, levaria a menina a Sá Praxedes. A velha parteira cobraria um pouco, mas ficariam livres de tudo. (EVARISTO, 2016, p. 27-28)

O que pode-se perceber nos trechos é a forma como é normalizada a pobreza e a falta de recursos básicos a essas personagens. Como elas mesmas, que sofrem com a falta de políticas públicas, acostumam-se a essa ausência e criam meios alternativos, e inseguros, para realizar procedimentos, que mesmo sendo proibidos por lei, como é o caso do aborto, são feitos por pessoas de classes privilegiadas, porém, com segurança. O que se depreende dessa questão é que o racismo é um fator importante na divisão de acesso à serviços que deveriam ser básicos, como a saúde. Não é à toa que escritores como Oliveira (2021, p. 200), que estudam a fundo a estruturação do racismo, argumentam que “[...] os espaços em que negras e negros ocupam servem para manter uma determinada ordem racista [...]”, ou seja, os privilégios que muitos possuem só existe em função da negação desses mesmos privilégios a um grupo muito maior de pessoas, que são majoritariamente negras.

3.5 A violência como um instrumento de controle do racismo estrutural nos contos “Duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve?”

Em ambos os contos aqui apresentados ao longo da análise existem aspectos da violência a serem analisados. Tanto no conto “Duzu-Querença” como no conto “Quantos filhos Natalina teve?” a violência faz parte do contexto das personagens. No conto “Duzu-Querença”, a violência é um aspecto corriqueiro da vida da personagem, o acesso bastante limitado da mesma ao mercado de trabalho faz com que Duzu trabalhe em um subemprego que a expõe a essa violência (a prostituição, aqui já

mencionada). Porém, essa não é a única forma de violência à qual essa personagem é sujeita ao longo do conto.

No decorrer da narrativa é exposta a relação da personagem Duzu com a sua família e, em determinado momento, o personagem Tático, neto de Duzu, é levado ao conhecimento do leitor. O personagem Tático é apontado como um dos três netos preferidos da personagem e, por ter envolvimento com o mundo do crime, foi assassinado na adolescência. A morte desse personagem soma à camada de sofrimento da protagonista feminina:

Duzu entrou em desespero no dia em que soube da morte de Tático. Ele havia sido apanhado de surpresa por um grupo inimigo. Era tão novo! Treze anos. Tinha ainda voz e jeito de menino. Quando ele vinha estar com ela, passava às vezes a noite ali. Disfarçava. Pedia a benção. Ela sabia porém que ele possuía uma arma e que a cor vermelho-sangue já se derramava em sua vida. (EVARISTO, 2016, p. 22)

Seguindo a lógica do racismo estrutural, o uso dessa violência dentro da população negra tem dois objetivos: o primeiro, controlar essa população, impingindo medo, que é constante, principalmente, aos que vivem nas periferias, como é o caso da personagem Duzu (a violência que esses povos das periferias sofrem apresentam-se de duas formas: na violência policial, e na criminalidade, que existem em função das injustiças que essa mesma população sofre), e o segundo objetivo é o de extermínio desses povos não brancos. Segundo Oliveira (2021, p. 29), o racismo praticado pelos Estados contra a população não branca tem início na contrarreforma neoliberal, que “[...] se expressou em duas vertentes políticas: uma de criar mecanismos de *administração das tensões sociais* por meio da aplicação das chamadas políticas compensatórias”, (que são, nada mais, do que uma tentativa de ludibriar a população não branca, dando a entender que o Estado lutava numa tentativa de inibir o racismo, quando na verdade estava apenas tentando diminuir o problema para uma visão mais individualista e meritocrática) e “[...] outra de intensificar as estruturas de violência institucional, apontando para o *extermínio da população não branca*” (Ibidem).

Sendo assim, a violência que é destinada ao personagem Tático e a forma como é narrada, afetando a vida da protagonista do conto, tem por objetivo expor não apenas o ato da violência em si, mas sim os motivos que levaram àquela violência e os motivos pelos quais é considerado natural o fato de grande parte da população

negra sofrer com diversas formas de opressão, ou mesmo de serem pessoas violentas. Essa questão só pode ser explicada levando em conta o racismo estrutural em que foi formada a sociedade, uma vez que “[...] os dados estarrecedores de assassinatos de crianças e jovens negras nas periferias [...] são produto do racismo estrutural” (OLIVEIRA, 2021, p. 134). Dessa forma, pode-se enxergar essa violência articulada por um viés de controle, que foi aprofundada no título anterior, fazendo com que, mesmo entre os componentes que vivem dentro desse grupo marginalizado e oprimido, essa violência seja vista como natural à sua forma de sobreviver, tornando cada vez mais difícil uma mudança significativa dessa violência.

Essa naturalização das discriminações e da violência no meio da comunidade negra se configura como uma das piores práticas de racismos na sociedade atual. Na tentativa de realizar o controle dessas populações colonizadas, o Estado se atém a diversas formas de controle, a disseminação da “bestialidade” das pessoas negras, justificando o fato de serem violentas, é uma dessas formas. Sobre essa questão Almeida enfatiza que:

As referências a “bestialidade” e “ferocidade” demonstram como a associação entre seres humanos de determinadas culturas, incluindo suas características físicas, e animais ou mesmo insetos é uma tônica muito comum do racismo e, portanto, do processo de *desumanização* que antecede práticas discriminatórias ou genocídios até os dias de hoje. (ALMEIDA, 2019, p. 20)

Dessa forma, é bem mais fácil atribuir aos negros esse aspecto violento, justificando a violência tanto praticada como sofrida por eles. Isso se explica, muitas vezes, pela percepção de que os negros são, uma vez que têm origem de uma cultura menos civilizada, mais selvagens e animais. Portanto, o racismo estrutural foge à prática direta e física do racismo, ele atua de forma a provocar muito mais prejuízo à comunidade negra, haja vista que identificar esse aspecto discreto com o qual trabalha, requer muito mais atenção e reflexão por parte da sociedade, tanto a branca, quanto a não branca.

Seguindo essa premissa de naturalização da violência contra mulheres e homens negros, temos a abordagem sobre a violência no conto “Quantos filhos Natalina teve?”. Neste conto a violência é direcionada diretamente à personagem, ou seja, é uma violência física, já que a protagonista, Natalina, é violentada sexualmente, gerando a sua quarta e última gravidez:

O homem desceu do carro puxou-a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe fizesse carinho. Natalina, entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase na hora do gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela. Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fossem arrebetar de dor. (EVARISTO, 2016, p. 31)

Esse tipo de violência é muito recorrente na sociedade contemporânea, os casos de estupro no Brasil são alarmantes, uma crueldade que provoca danos psicológicos e físicos à vida da mulher. Nesse sentido, trazer essas discussões pontuadas na literatura de Conceição Evaristo ajuda-nos a compreender o quanto o racismo estrutural atua de forma implícita, em ações que parecem ser realizadas de forma aleatória, mas que no fundo, trazem um conjunto de decisões bem elaboradas afirmando a dominação dos povos brancos sobre os negros, especialmente sobre as mulheres pobres e não brancas. É preciso que sejam implementadas políticas de combate e proteção a essa população desassistida e vulnerável, pois a democratização dos Estados inibi em quase nada essas ações de discriminação, uma vez que, segundo Oliveira (2021, p. 108), “[...] por mais que se aperfeiçoem os mecanismos democráticos, o racismo permanece apenas mudando a sua forma de expressão”, isso porque em uma sociedade globalizada, fruto do capitalismo, o racismo não se atreve a apresentar-se sem disfarces, tornando ainda mais difícil o seu combate, (ALMEIDA, 2019).

Sendo assim, a modificação das formas de racismo se dá, de acordo com Almeida, quando o racismo entende que a destruição das culturas e dos corpos negros, como era feita de forma deliberada no período da colonização, se aperfeiçoa e transforma-se na domesticação desses mesmos corpos e culturas. Por isso, essa violência nos contos de Conceição Evaristo expõe os traços da normatização e da naturalização do assédio moral sexual, de outras formas de violência e da morte, como eventos banais, conforme enfatiza Almeida:

O racismo, mais uma vez, permite a conformação das almas, mesmo as mais nobres da sociedade, à extrema violência a que populações inteiras são submetidas, que se naturalize a morte de crianças por “balas perdidas”, que se conviva com áreas inteiras sem saneamento básico, sem sistema educacional ou de saúde, que se exterminem milhares de jovens negros por ano, algo denunciado há tempos pelo movimento negro como genocídio. (ALMEIDA, 2019, p. 76)

Desse modo, essa violência sofrida pelas personagens Duzu e Natalina é

resultado de um sistema racista, que não só naturaliza a cultura da opressão, como a incentiva. Essa relação de poder e de extrema violência psicológica e física está ligada à uma ótica individualista, que promove uma conclusão meritocrática do conceito racial e que, acima de tudo, inibi ações antirracista. As políticas de combate precisam ser promovidas pelo Estado, a fim de mudar essa realidade, e produzir mudanças significativas no cenário atual, tão bem representada nas narrativa de Conceição Evaristo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os formatos de discriminação racial apresentados nos contos que foram analisados neste trabalho têm como intuito permitir ao leitor uma reflexão mais profunda sobre o que de fato é o racismo e os impactos que este tem dentro da comunidade negra. Pôde-se perceber ao longo desse estudo que as formas de racismo sofridas pelas personagens dos contos são discriminações que, na sociedade brasileira atual, fazem parte da realidade de muitas mulheres e homens negros, sua exposição, através da literatura, tem o intuito de provocar uma reflexão nos leitores perante essa prática criminosa. Sendo assim, o trabalho traz ao leitor não apenas a exposição do racismo dentro dos contos, como também a sua conexão com o que é vivido por homens e mulheres negras atualmente no Brasil.

Desse modo, buscamos compreender as diferentes formas de racismo presentes nos contos “Duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve?” e suas influências negativas na vida das personagens. Essa compreensão só foi possível a partir do olhar atento para as construção das personagens e suas relações com outros personagens dentro dos contextos sociais, marcados pela falta de emprego, a exploração do trabalho, o assédio moral e sexual, miserabilidade e violência psicológica e física. A partir dessas atuações, as narrativas expõem de forma patente o racismo estrutural presente na sociedade moderna, uma clara demonstração de que os negros ainda vivem o processo de discriminação, preconceito e exploração, ações que aviltam a dignidade dessa população denominada de não branca.

Diante disso, esse estudo possibilitou a percepção desse racismo sob uma perspectiva diferente, que envolve as relações de poder e controle de um indivíduo ou grupo de indivíduos sobre outros, fazendo valer seus interesses. Nesse sentido, o conceito do racismo vai muito além do que se apregoa, haja vista que ele é responsável pelas formas de divisão de riquezas atuais, como também pela definição de classes sociais, simbolicamente evidenciados nos contos de Conceição Evaristo, analisados neste trabalho.

Diante disso, entendemos que o combate ao racismo não é algo que possa ser feito na tentativa de inibir comportamentos individuais, mas sim no estudo de sua evolução ao longo dos séculos e a importância que ele tem nas estruturas sociais. Só assim, implementar e fomentar meios de quebrar essas estruturas, fornecendo, principalmente, educação e autoconhecimento às vítimas desse ato criminoso, a fim

de esperar pelas mudanças no âmbito do racismo, da discriminação e do preconceito dispostos sobre homens e mulheres negras no Brasil.

Assim, esperamos que este trabalho contribua para fomentar e ampliar as discussões em torno da obra contemporânea de Conceição Evaristo, mais especificamente sobre os temas abordados ao longo dessa pesquisa, tão necessária para o meio acadêmico e para os leitores em geral, que possam, a partir dessas reflexões pensar a situação de vulnerabilidade da população negra no país, cada vez mais exposta a atos discriminatórios, preconceituosos, racistas e violentos. Portanto, a leitura dos contos “Duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve”, escritos por uma mulher negra, de origem humilde, pode provocar o interesse não apenas de leitores da academia, mas despertar e encorajar outras mulheres negras para a produção de literatura afro-brasileira, com temáticas sociais, lutas e combate ao racismo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. 1. ed. São Paulo: Pólen, 2019. p. 12-128.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. P. 7-298.
- CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**: ensaios de teoria e crítica literária. 2 reimpressão. 2006.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **SciELO**, São Paulo, v. 49, n. 17, p. 117-130, set./2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/>. Acesso em: 11 fev. 2021.
- EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira**. 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Belo horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, dez./2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 19 mai. 2022.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- GÊNERO E NÚMERO. **Gravidez na adolescência diminui, mas entre meninas negras a queda é de apenas 3,5% em três anos**. Disponível em: [https://www.generonumero.media/meninas-negras-gravidez-adolescencia/#:~:text=De%202018%20a%202020%2C%20enquanto,Goi%C3%A1s%20\(Centro%2DOeste\)..](https://www.generonumero.media/meninas-negras-gravidez-adolescencia/#:~:text=De%202018%20a%202020%2C%20enquanto,Goi%C3%A1s%20(Centro%2DOeste)..) Acesso em: 20 mai. 2022.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo negro latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- LITERAFRO. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- LITERAFRO. **Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/192-rubem-fonseca-e-conceicao-evaristo-olhares-distintos-sobre-a-violencia-critica>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **SciELO**, Florianópolis, v. 25, n. 4, p. 935-950, dez./2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb/?lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2021.

MACHADO, Bárbara Araújo. “Recordar é preciso”: Conceição Evaristo e a Intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo. (1982-2008). **IHT Instituto de História**. Rio de Janeiro, p. 10-118, 2014. Disponível em < <https://app.uff.br/riuff/handle/1/14614>>. Acesso em: 4 ago. 2021.

OBSERVATÓRIO DO 3 SETOR. **500 mil crianças são vítimas de exploração sexual no Brasil, por ano**. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/500-mil-criancas-sao-vitimas-de-exploracao-sexual-no-brasil/>. Acesso em: 4 ago. 2021.

OBSERVATÓRIO DO 3 SETOR. **Brasil ocupa 2º lugar no ranking mundial de exploração sexual de crianças**. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-2o-lugar-ranking-mundial-exploracao-sexual-criancas/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

OLIVEIRA, Dennis De. **Racismo Estrutural**: Uma perspectiva histórico-crítica. 1. ed. São Paulo: Dandara, 2021. p. 21-189.

REDE BRASIL ATUAL. **Segundo pesquisa, 78% dos mortos pela polícia são negros**. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2021/04/segundo-pesquisa-78-dos-mortos-pela-policia-sao-negros/>. Acesso em: 5 mai. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SINDIPEMA. **Consciência Negra: dívida histórica que chega aos 486 anos**. Disponível em: <https://www.sindipema.org.br/conteudo/888/consciencia-negra-divida-historica-que-chega-aos-anos#:~:text=Ap%C3%B3s%20129%20anos%20de%20aboli%C3%A7%C3%A3o,anos%20de%20Zumbi%20dos%20Palmares..> Acesso em: 9 mar. 2022.

VICINIÉSCKI, Bruna. **Conceição evaristo e suas contribuições como escritora e pesquisadora**. Anais do I CONEIL... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72057>. Acessado em 20/05/2021.